

José Neres

A stylized profile of a human face, facing right, rendered in black. The face is composed of simple, flowing lines. Surrounding the face are several large, colorful, curved shapes: a blue swoosh at the top, a yellow swoosh on the left, a red swoosh below the yellow, and a green swoosh at the bottom. These shapes appear to be part of the overall design, possibly representing hair or decorative elements.

NEGRA ROSA
& OUTROS POEMAS

CAPIA - MARCO ANTONIO LIMA

JOSÉ NERES

NEGRA ROSA
& OUTROS POEMAS

– edição digitalizada para internet –

São Luís
2010

JOSÉ NERES

NEGRA ROSA

& OUTROS POEMAS

1ª edição – 1999 (papel)
2ª edição – 2003 (papel)
3ª edição – 2010 (digitalizada)

São Luís
2010

© todos os direitos reservados para o autor
José Neres

Está permitida a cópia eletrônica ou física do conteúdo parcial ou integral deste livro, desde que sejam resguardadas as regras do direito autoral e que a fonte e o autor sejam citados

Digitação e diagramação
José Neres

Capa
Marccone Lima

Contatos com o autor
joseneres@globocom.com
www.joseneresblogspot.com
www.joseneres.kit.net

Neres, José (1970 -)
Negra Rosa & Outros Poemas ; José Neres. São Luís. Edição digitalizada para internet, 2010.
75p.
1 Literatura maranhense – Poesia I. Neres, José. II. Título
CDU: 869.0

Teus poemas, não os date nunca...
Um poema
Não pertence ao tempo...
(Mário Quintana)

Caminhos não há
Mas os pés na grama
Os inventarão.
(Ferreira Gullar)

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho
(Mário Quintana)

Para a minha família

Especialmente para
Lindalva,
Gabriel
&
Laura

Para
Luís Bartolomeu Ferreira
(em memória)

Para meus amigos:
Nilson Campos
Dino Cavalcante
Nonata Pontes
Nonato Marreiros
Geusiléia Pinto
Tânia Arruda
Dimitri Castelo Branco

COMENTÁRIOS PARA ESTA EDIÇÃO

Negra Rosa & Outros Poemas é meu primeiro livro. Em 1999, resolvi remexer os papéis velhos e publicar um trabalho. Como quase todos os escritores novatos, decidi optar pela poesia. Não que eu me sentisse poeta. Na verdade, o não ser poeta é uma das minhas certezas.

A princípio, a ideia era escrever um livro inteiro com um longo poema que mostrasse a saga de Rosa, a negra que dava sua vida para libertar seus irmãos da senzala. Mas o fôlego foi embora e a história da escrava se resumiu ao poema que dá nome a este livro. Para compor o restante do volume, recorri a alguns poemas perdidos entre outros papéis nas gavetas. Peguei o poema *A um menino de rua*, com o qual eu já havia conquistado uma menção honrosa e um título de honra ao mérito no Rio Grande do Sul, em um concurso promovido pelo *Instituto da Poesia Internacional*. Juntei mais alguns poeminhas e montei o livro.

Eu não tinha a menor noção de como seria a capa do livro. Mas tive a sorte de conhecer o pintor e artista plástico Marcone Lima, que, após ler o poema, perguntou se podia fazer a capa. Não poderia sair melhor. Com poucos traços, ele compôs o perfil do rosto da Rosa. A suavidade do desenho me encantou desde o início. Estava pronta a capa!

Nunca fiz lançamento do livro. Ele apareceu discretamente e desapareceu de forma também discretíssima. Alguns anos depois, recebi a incumbência de preparar uma segunda edição, que também não foi lançada, pois fiquei apenas com uns cinco exemplares. Todos os outros foram adquiridos por um órgão público de outro estado. Depois disso, fiquei sabendo que a Negra Rosa era analisada em colégios e universidades. Embora houvesse várias pessoas que desejavam ver o livro novamente editado, resolvi abraçar outros projetos e deixar a confecção de poemas para aqueles que têm talento para isso.

Agora, depois de mais de uma década da aventura inicial pelo mundo das letras, decidi ressuscitar a obra, não da forma convencional, mas sim de forma digitalizada, disponibilizada para quem quiser lê-la. Mantive o máximo possível o projeto inicial, mas algumas partes foram alteradas, pouquíssimas na verdade. Nada que descaracterizasse o volume impresso.

Hoje olho para trás e vejo que realmente nunca fui nem serei poeta. Mas inúmeros pedidos de amigos que queriam ler ou reler este primeiro trabalho e que não sabiam onde consegui-lo, fizeram-me repensar a ideia. Eis que a Negra Rosa ressurgiu, novamente sem lançamento, mas pelo menos com a certeza de que hoje ela não é mais uma total desconhecida, nem uma anônima no meio da senzala cultural que ainda prende nosso povo com as correntes da ignorância.

A tecnologia e o mundo virtual dão neste momento sua carta de alforria a essa mulher que tanto lutou contra a escravidão.

Aos hipotéticos e virtuais leitores, que resolverem copiar o arquivo para seus computadores, deixo meus agradecimentos e o desejo de uma proveitosa leitura.

José Neres

São Luís, 29 de março de 2010.

O Sinhô foi açoitar
Sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
E tirou o cabeção.
De dentro dele pulou
Nuinha a negra Fulô

NEGRA ROSA E O TOURO ENCANTADO

I

A PROFECIA

Um dia linda negra aqui virá
Para livrar seu povo da escravidão.
Moça virgem, o céu merecerá
Pois ela ao prazer sempre dirá não.

Touro encantado aqui enfrentará
Nua, com punhal de prata não mão.
Poderá para sempre se calar
Mas livrará do tronco seu irmão.

A luta só terá um vencedor
E a negra só poderá vencer
Se realmente toda virgem for.

Mesmo assim, algo pode acontecer
E tudo, tudo cedo acabar
Sem a palavra se realizar.

II ENTRE MÃE E FILHA

Filha minha, filha minha,
Chega perto desta velha.

- Cá estou, doce mãezinha.

Então me dê tua mão
Quero dúvidas tirar...

- Farei tudo que mandar.

Escuta o que vou dizer.
Escuta com atenção.
Depois responda pergunta
Que tenho que te fazer.

- Nada tenho que esconder.

Melhor assim, mi'a criança.
Nada, nada aqui esconda,
Que tu é desse povo
Toda última esperança.

.....

- Esta pausa, qual a causa?

Filha senta aqui bem junto,
Que vou direto ao assunto.
Mais junto, junto ao meu pé.

- Como minha mãe quiser.

Tu já viu, m'a filha Rosa,
Como tu tá tão formosa?
Teu peito tá bem cheio
E duro de fazer gosto.
Sei também que já no agosto
De tuas partes brotaram
Sangue vivo de mulher.

- Sim. Isso verdade é.

Não tem negra na senzala
Com mais bela fala
Que a tua. Nem sinhá
É mais formosa que tu.
Tua anca é mais roliça,
Tua coxa mais maciça,
Teu passo é o mais leve,
Tua cintura, a mais breve
E tu não tem tanta idade.

- Sim,. É a pura verdade

Rosa, minha filha Rosa!
Tão bonito é teu nome!...
Me responde sem mentir:
Já te tocou algum homem?

- minha mãezinha, não tema,
Homem só vai me tocar
Quando a senzala acabar.

Então tu ainda é virgem?

- Sim. Com a lei me exige.

III

FALTA A PROTETORA

Sinhá morreu!
Morreu sinhá!
Morreu chorando
Só de penar.

Muito sofreu
A coitadinha.
Está no céu
Nossa madrinha.
Lá ela será
Bela rainha.

Mas o sinhô,
Agora só
E sem temos
Logo achará
Um novo amor.

Já ordenou
À negra Rosa
Que se perfume,
Fique cheirosa.

Sinhô viúvo
Agora é.
Está sozinho,
Pede mulher.

“Sinhá! Por que
Morreste já,
Deixando Rosa
Sozinha cá?”

Ali vem Rosa
Com rosto triste.
“Oh, linda Rosa,
Não vai, resiste!”

Mas o patrão
Muito do bravo
Sem pena surra
Pobre escravo.

Que linda está
A negra Rosa.
Pele macia,
Carne cheirosa,

Roupa branca
Protege o corpo
Da jovem franca
De corpo virgem.

Colar de prata
Rubi e ouro
Tenta comprar
Lindo tesouro.

Coxas roliças
Cintura estreita
Seios eretos
Quadris perfeitos

Lábios carnudos,
Dentes escondidos,
Olha nublado
No ar perdido.

Ia assim Rosa
Para o mau braço
Que ameaçava
Com chicote e aço.

Cama marcada...
Cheiro da dona...
De Mãe-Sinhá
Estava o aroma.

Mão rude e grossa
As vestes tira,
A pele roça,
Rosa machuca.

A linda moça
Só de dor geme,
E do Sinhô
A perna treme

Chega à senzala
Grito de dor.
É que na alcova
Morre o Sinhô.

Rosa inda virgem,
Se veste e sai,
Agradecendo
Ao sempre Pai.

Pois do patrão
No afã do gozo
De moça nova
Ter junto à mão,
Não resistiu,
Logo parou
O coração.

IV O FILHO

Rosa, linda Rosa
Pela força posso
Agora te ter.
Só te possuir
Não quero porém
Só teu quero ser.

Rosa, linda Rosa,
Terras, ouro, prata,
Tudo posso eu dar
Para o teu amor
Ao meu lado ter
E teu corpo amar.

Quando o pai morreu,
Estudos deixei
Para vir matar
A vil feiticeira
Que fez coração
Dele rebentar.

Minha linda Rosa,
Quando aqui cheguei
Um ódio gritava
Clamando vingança
Ao corpo delgado
Que homens matava.

Mas quando te vi,
Rosa, linda Rosa,

Meu sangue gelou,
E quem odiava
Pela vez primeira
Conheceu amor.

Agora aqui venho
Meu amor trazer
Para ti, querida,
O que já foi meu
Não mais me pertence,
Toma: minha vida.

Rosa, linda Rosa
Diz alguma coisa,
Solta tua voz,
Dá-me um parecer
E, depois, deixe-me
Ficar bem a sós.

Fala, linda Rosa,
Fala, meu amor.

V A RESPOSTA

Oh! Tão bom é o senhor
Que com gosto aceitaria
Para sempre sua ser.
Mas meu destino traçado
Há muito tempo está

Homem nenhum vai me vai ter

Enquanto escravo existir.
Eu sou dona nesta terra
De uma grande missão:
Matar touro encantado
Que vem de Portugal
Aprisionar meu irmão.

Se o senhor da história
Não sabe, eu vou contar
Tudo o que aconteceu.
Faz muito tempo um rei
Chamado Sebastião
Numa batalha morreu

Deixando o reino sozinho
Aos gostos e nova lei.
Mas o corpo não foi achado.
O rei Dom Sebastião
Na batalha não morreu,
Virou um ser encantado

Que sempre tenta voltar
De sua eterna prisão
Pra novamente reinar
Nas terras do coração
De onde foi arrancado
Para uma guerra lutar.

Mas tem um touro encantado
Que na noite de lua cheia
Com as estrelas a brilhar
Na testa do bom rei
Encantado sem descanso
E sem trégua vigiar

Então é preciso moça
Virgem com punhal de prata
Ao touro enfrentar
E só na estrela da testa
O punhal de prata todo
Sem piedade enfiar.

Eu sou, senhor, a mulher
Que ao touro matará
Pra que Dom Sebastião
Possa Portugal salvar
Da pobreza cruel e
Pôr fim á escravidão.

Para isso, meu bom senhor,
Sua não poderei ser.
Tenho que virgem ficar
Pra ver o touro morrer.

VI OURO E PRATA

Linda negra Rosa,
A religião
Mudar não posso.
Não posso ter teu
Belo corpo não,
Mas posso viver
No teu coração.
Toma ouro e prata
Salva teu irmão.
Sei o que é viver
Em escravidão.

Adeus! Vou embora.
Não volto mais não.
Leva prata e ouro
E meu coração.
Quem já foi escravo
Do olhar teu não
Pode ser patrão...

VII

PUNHAL E LUA CHEIA

Prata de branco punhal virou
Tudo o que faltava chegou

O banho Rosa foi tomar
A lua cheia já vai chegar

O povo o canto já entoou
Bem forte e perto soa o tambor

Pega o punhal de prata co'a mão
E o beija cheia de emoção

O povo da senzala todo chora
Todos sabem que é chegada a hora

Rosa parte rumo ao destino

E a moça de tão tenra idade
Busca pra seu povo a liberdade

VIII

A REALIZAÇÃO

Um dia, linda negra apareceu
Pra livrar seu povo da escravidão.
Moça virgem, todo o céu mereceu
Pois soube ao prazer sempre dizer não.

Touro encantado na praia enfrentou
Nua, com punhal de prata na mão,
Todo o seu lindo corpo mutilou,
Mas livrou da senzala seu irmão.

Estrela na testa punhal cravou
E moça virgem na areia caiu,
Soltou último gemido de dor,

Mas não lhe foi dada data civil,
Pois no mesmo dia a princesa assinou
Lei libertando o negro do Brasil.

As crianças estão com fome
Como os vira-las das sarjetas...
As crianças ainda estão com fome
Com as crianças da minha infância.
(Alex Brasil)

A UM MENINO DE RUA

I

Menininho triste
Triste de tanto sofrer
Será que nunca viste
O sol cedo nascer?

Garoto cor de neve
De neve negra e quente
A alguém você deve
A tristeza de ser gente.

Menino que passa fome
Fome de saber
Aprende a ler teu nome
Para nunca dele esquecer.

II

as costelas riscando as costas nuas
que trazem as marcas da fome feroz
fome não só de alimento
mas de carinho compreensão amor
as pernas finas são movidas pelo medo
que aterroriza as noites frias
os braços longos e descarnados
mostram marcas dos prazeres
em forma de algumas gotas
de veneno comprado como se fosse mel
os pés descalços rudes retratam
sem pudor os lugares por que correram
as pernas trêmulas de fome
a cabeça viaja em busca de sonhos
perdidos de dias melhores
costelas fomes brigas *et coetera*
tudo isso e muito mais faz a vida eterna-
mente vazia

III

dorme nas ruas desertas
em companhia de animais
(ou coisa pior)
mata a sede ou morre de sede
mata a fome ou morre de fome
mata o home ou é morto pelo homem

IV

estudos não conhece mas o mundo
conhece pela cultura de um deus
concretário
um deus a quem não obedece
um deus a quem faz obedecer
a faca é seu deus
o canivete é seu deus
o revólver é seu deus
qualquer arma é seu deus

V

seu inimigo natural: a Lei
só uma coisa é mais perigosa para ele
que a Lei: o seu irmão
como guias dedicados tem dois:
a morte e o perigo
esportes? Matar roubar violar
esportes de sangue
de sangue vermelho
de sangue humano
seu prazer é vê-lo correr
pelo asfalto tingindo o solo cinza

VI

sujeito agente e paciente da violência
pobre violado rude violador
inocente culpado culpado inocente
réu juiz promotor carrasco
executor da própria lei
lei cruel sangrenta sem lei

VIII

Pobre garoto
pobre garoto
tão pobre e roto
só de sofrer
só de sofrer

do lado esquerdo
a sombra do medo
envolta em dor
morte sem ver...

do direito lado
um grito calado
de puro terror
morte sem ter...

pingo de amor
e teu destino
pobre menino
sabes qual é
Morte bem triste
Morte qualquer
Morte sem grito
Morte sem fé
Morte sem choro
de uma mulher

Deixa tua alegria aos seres brutos,
Por que, na superfície do planeta,
Tens um só direito: - o de chorar.
(Augusto dos Anjos)

DEZ SONETOS DESESPERANÇADOS

UM

Mais de mil sonetos falam de amor,
Dez mil idolatram a solidão,
Mas estes meus têm outro sabor,
Sabor de fome medo e podridão.

Os meus versos dão muito mais valor
Às lágrimas suadas pela mão
De um pobre e sofrido trabalhador
Que às gotas perfumadas da paixão

Eu não posso cantar sobre uma flor
Se, no mesmo jardim, no mesmo chão,
O que mais brota é dor e aflição

Eu, como posso escrever sobre amor
Se neste momento co'exatidão
Um irmão, sem pena, mata a outro irmão.

DOIS

Ele, filho da estúpida Inflação,
Vaga, triste e roto, pelo caminho
Seco, agreste de amor e carinho,
Onde só brota fome e decepção

Mas no seu penar nunca está sozinho.
Será que segue com ele um irmão?
Não! Não! Muito mais... perto de bilhão
De pobres seguem bem devagarinho

Em busca d'água e pedaço de pão,
Pra enganar fome do magro filhinho
Que soluça chora e geme baixinho.

Já tem no cerne a dor da inanição,
Gordo presente da vó Inflação
Que nina o neto já tão friozinho.

TRÊS

No meio da rua um trapo imundo,
Pedaco de pano jogado ao léu,
Monte de lixo debaixo do céu,
Restos humanos, pedaco do mundo

E pela rua passa muita gente
Apressada, sem tempo para nada.
Cada qual vai para sua morada,
Ninguém vê o lado, segue sempre em frente.

Aos poucos, vai o sol, vem o luar
Chorando sobre duas pedras frias
E muito pouco, muito pouco resta lá.

E, sobre pedras, velas se consomem
Queimando restos de dores sombrias.
Dentro dos trapos jaz um corpo de homem.

QUATRO

As esperanceiras estão murchas;
A última rosa já morreu
Já não existe mais alegria.
Não mais me pertence o que era meu

Até a terra em que eu vivia,
O casebre onde meu pai nasceu
Desde agora já não mais são
Não mais me pertence o que era meu.

Casas carros mulheres dinheiro ...
Tudo já tive, hoje nada é meu,
Pois tudo o meu ser hoje perdeu.

Só minha dor restou, nada mais;
Porém a dor que mais me doeu
Foi saber de que eu não sou mais meu.

CINCO

A tristeza de pobre não tem rosto
De artista de cinema ou de postal
De pontos turísticos. Tem , sim, gosto
De esperança cortada com punhal,

De feriado em dia de Domingo,
De dor de dente, comida sem sal.
Sofrimento de pobre bate em bingo,
É certo, cruel, dolorido e real.

Pobre sofre, sofre e nunca tem nome
É sempre um zé ou fulando de tal.
É um guerreiro, luta contra a fome.

Fome: inimiga feroz e mortal,
Mercadoria que não se consome,
Que não sai em coluna social.

SEIS

Uma dor preenche todo o meu ser
Quando passeio por minha cidade
E vejo uma podre realidade
Desde Pantheon até Reviver:

Famélicas crianças na orfandade
Social lutam pelo sub-viver,
Mãos que pedem, roubam para comer
Restos de fétida sociedade,

Grande fábrica das humanas dores
Que vem mascarada por tanto nome
E muitas tintas de todas as cores

E, mesmo num largo chamado Amores
Choro, vendo nossos futuros homens
Cheirando cola pra sufocar dores.

SETE

A solidão é a única irmã
Daquele velho que vivo apodrece
Nos guetos do mundo, mas não esquece
O doce ácido da velha maçã,

Nem todos os dias fazer sua prece
Plena de dor e de esperança vã,
Pedindo aos céus um novo triste amanhã
Livre das dores que o corpo esmorece.

Mas tem a certeza de que o espera
É uma fila – insuportável fera
Que cresce, cresce e que sempre tem fome.

Fila – a fera que o milagre opera
De do velho transformar a quimera
Em grande monte de dores sem nome.

OITO

Vêm alguns do poeta-cantor
A estátua entre belas palmeiras;
Outros, aquela flama derradeira
Do sol do mar em pesado torpor

Tão cheio de poesia e de amor
Oculta a Ilha as visões verdadeiras
De coisas tão torpes, vis rasteiras
Que, à tona, causariam terror.

Olhos cegos, em miradas primeiras
Vêm rapaz rico, moças solteiras;
Palmeiras, flores, sabiás, amor...

E os meus, que tão míopes sei que são,
Só veem drogas, fome, solidão,
E gente chorando um pranto de dor.

NOVE

Na rua do Sol um menino há
Cuja pele de tanto frio treme,
Lá na rua dos Prazeres está
Uma velha que de tanta dor geme.

A rua do Egito leva ao mar,
Que lava o sangue que sai da Alegria
Depois d'Alecrim e Horta irrigar
E no Ribeirão lavar novo dia

Cujos dejetos no mar vão parar.
Mas isso bem pouco te diz.
Que te importa todo o povo a chorar,

Se tu, em nossa bela São Luís,
Depois de teu succulento jantar,
Fechas os olhos... dormes... és feliz?

DEZ

De dores, fomes e angústias falei,
Arrancando tudo do coração,
Muito males ainda deixei
Perdidos no limbo da escuridão,

Onde não reina alegria nem lei
Mas somente tristeza e podridão.
E nesse lugar não mais mexerei
Com medo de nova desilusão.

A dúvida fica se algo acertei
Ao longo desta breve exposição,
Mas, como diria lendário rei:

- Nem tudo está errado não,
Já que mesmo o relógio que quebrei
Duas horas marca co'exatidão.

O poeta sozinho
Perde-se na dor
E o poema é o caminho
Que o leva aonde for
(José Chagas)

OUTROS POEMAS

A SEMENTE

Tal e qual o lavrador
Que bem cedo planta uva
E depois colhe limão,
Vou semear Amor
Pela estrada, a cada curva,
Pelo céu e pelo chão,
Para quando mais velho eu for
Colher após uma chuva
Uns ramos de solidão

EXISTENCIAL I

Às vezes acordamos
Com a impressão
De que somos
Alguém.

Nesses momentos
Temos a certeza
De que na realidade
O que somos é
Ninguém

Ou talvez
Somente a
Sombra do
Ninguém

Talvez
Um pouco do
Nada

Talvez
Nem nada
Tampouco

EXISTENCIAL II

Eu
Que mal me conheço
Tento ensinar filosofia
A um mundo
Que
Apesar de velho
Também nada sabe de si
E mal sabe
Que
Eu existo
Se é que realmente
Existo

NO FUNDO DO ABISMO

No meio do caminho,
Nenhuma pedra,
Um abismo
Nenhuma ponte...

No fim do abismo,
Nenhuma pedra, um fim
Nenhum caminho

DE COSTAS PARA A VIDA

Dou as costas para a vida,
Musa ingrata dos poetas,
Que querem encontrar curvas
Onde só há mesmo retas.

Dou as costas para o amor,
A negação da verdade,
Que abre os olhos pra ficção
Mas é cego pra verdade

Fecho os olhos aos amigos,
Tudo povo interesseiro
Que troca toda amizade
Por um pouco de dinheiro.

Cruzo os braços para abraços
Daquele que o rosto esconde
O qual coragem e honra
Deixou ninguém sabe onde.

Dou as costas para vida,
Dívida falaz e incerta,
E tão cheia de agonia
Que só a morte lhe é certa.

AS MÃOS DE ONÃ

Tuas calejadas mãos
Da qual a vida escorre
Não tocam a linda pele
Da criança não gerada
Do sangue derramado
No seio daquela noite
Tão longamente esperada
Sob a luz da estrela fria.

Nessas tuas sujas mãos
A vida não brotará
No fogo adubo não gera
Mais que uma crepitação
Teu sêmen no chão também
Não produz felicidade
Onã, teu sangue no chão
Não trará mais esperanças.

Tuas mãos viciadas
Do prazer continuado
Úteros jamais serão
Onã, planta uma semente
Numa carne verdadeira
Colha aquele doce fruto
Que um dia também foste
Com tuas mãos inda puras

LUTA POÉTICA

Verso não existe
Mesmo que eu sofra
Mesmo que eu grite

Mas no limite
Do meu limiar
O meu-eu persiste

Uma voz me insiste:
“José, vai, José!
José, não desiste!”

Com o dedo em riste
Agasalho o sol
Em meu pranto triste.

ORAÇÃO

Protegei, Senhor,
O pobre coitado
Que trabalha sábado
Domingo e feriado
Para ter o pão
Do suor tirado!

Protegei, Senhor,
A pobre mulher
Que tanto já sofre
E não perde a fé
De ter amanhã
Ao menos café!

Protegei, Senhor,
A pobre criança
Que na rua vive
Descalça e de trança,
Com medo e com fome,
Sem fé nem esp'rança!

Protegei, Senhor,
Todo ser humano
Que vive sofrendo
Que vive do engano
De só adorar
O mundo mundano!

Protegei, Senhor,
Nosso governante,
Que tudo promete
Antes, mas durante

E depois de eleito
Nada mais garante!

Protegeei, Senhor...
Mas, principalmente,
Protegeei seus filhos
Pobres dessas gentes
Que governam o mundo
Criando indigentes!

MENORES

Meninos ao mar
Meninos no bar
Meninos sem lar

Meninas ao mar
Meninas no bar
Meninas sem lar

Meninas com fome
Meninas com homem
Meninas sem hímen

Meninos sem nome
Meninos com fome
Meninos com homem

Meninas na rua
Meninas nuas
Ventres de lua

Realidade crua

O DIA DA FOME

O dia da fome
É comemorado
Pelo rico obeso
Que quer perder peso
E julga ser fome
Aquele almoço
Bem balanceado
E não quer saber
Como na favela
“Curtindo “ a novela
Uma mulher sorri
Morrendo de fome.

O dia da fome
Não está marcado
Naquela folhinha
Do supermercado
Mas nos olhos fundos
Da triste velhinha
Que sonha um mundo
Melhor pra netinha
Que pede farinha
Pra matar a fome.

O dia da fome
É bastante triste
Porém ele existe
Pra matar o pobre
E louva o nobre
Que dá esmola
À porta da escola.

No dia da fome
Devemos dizer
Para não morrer:
Sofro porque hoje
É comemorado
Em meu velho estado
O dia da fome...
Ó dia da fome
Odiada fome!!!

BOLO CONSTITUCIONAL

Pegar um decreto-lei
Uma lei delegada e uma
Legislação trabalhista.
Adicionar um “lobby”.
Mexer bem e depois
De um recesso colocar
Tudo no forno da burocracia.
Como recheio, muitos acordos
E concessões. Para enfeite,
Muitas emendas e discursos
Prolixos, juntamente com bastante
Demagogia

Resultado:

Reajuste no salário-mínimo
Servir no dia 1º de maio.

PROBLEMA DE TRADUÇÃO

Quisera eu traduzir em versos
o sofrimento do Brasil
o sofrimento do povo brasileiro.
Quisera eu traduzir
a miséria
a fome
a desesperança
a angústia
a letargia
de meu povo.

Mas não posso.
Não há papel suficiente
no mundo para tal tradução.

Quisera eu traduzir em versos
o sorriso de contentamento
a alegria de uma criança
de meu povo

Também não posso.
Não se traduz uma folha
ainda em branco.

UM DIA ESPECIAL

Um
Dia
Quero
Ter

Sem
Guerra
Sem
Crime

Sem
Mim
Sem

Ti
Sem
Ser

SONETO DE LA DESILUSIÓN

Todo lo que sufrí hasta hoy fue por ti,
Cada lágrima minha foi para te servir.
Fue por ti que mi sangre salió de mi vena
E, sorrindo, disse que tudo valia pena

Pues lo más importante era estar a tu lado
E viver como seu eterno apaixonado.
Mismo sufriendo los dolores del alma
Esperava teu amor com toda a calma

Pero llegó el día de mi triste sorpresa
Tu estavas linda, rainha da beleza,
Llena de alegrías tú estabas toda.

Fiquei triste e quieto com minha dor
Porque aquel era el día de las bodas
E o momento da norte de meu amor.

SONETO-CRIANÇA

Este é apenas um soneto criança.
Um soneto. Nenhuma pretensão
De colocar a menor esperança
No teu já tão sofrido coração.

Um poemeto feito às pressas
Sem se preocupar com figuras
Ou pagamento d'alguma promessa
Ou lembrança das muitas amarguras.

E, lendo este soneto-criança,
Não procures nem sinal de lembrança.
Dor, tu também não a encontrarás,

Porque são apenas catorze linhas,
Paralelas e bem arrumadinhas,
Procurando um pouco de paz.

DECLARAÇÃO

Para
irei
até
enfrentarei
irei
de Sul
jogarei
com
só
para
e teu
Amar-te
a Marte
a Morte
a Norte
a Sorte
amar-te
amor ter

VERSOS DE AMOR E SAUDADE

Éramos dois em um só corpo,
Mas a leviana maldade,
Cheia de sentimento pouco,
Veio arrancar, com crueldade,
De mim que me dava calor;
E, depois, num gesto covarde,
Fez-me viver só de saudade,
Saudade do eterno amor.

Chorava agora noite e dia,
Fugia-me a realidade,
Não encontrava mais alegria
Nem mesmo sentia vontade
De da vida sentir sabor.
Só sentia a dor da maldade
Que me fez viver só de saudade.
Saudade do eterno amor.

O tempo foi passando lento,
Lento e sem qualquer novidade
Sem esperança de um alento...
Até que ouvi a voz da verdade
Vinda do céu com uma flor.
Doce voz, com suavidade,
Dizia: “conserva a saudade,
És também meu eterno amor.”

Ofertório

A ti, minha pura deidade,
Mando este dizer numa flor:
“É bom viver só de saudade,
Se é saudade do eterno amor!”

LINDA

Dizer que és linda
Como uma flor
Banal já é.

Vejo-te linda
Tão simplesmente
Como mulher.

PARA O DIA DOS NAMORADOS

Dizem que o amor fora de moda está.
Será brega suspirar pelos cantos?
Ou, de feliz, derramar doces prantos
Ao beijar a namorada ao som do luar?

E será vergonha de amor falar?
E tremer e gaguejar só de espanto
Quando ela surge como por encanto
Pra dizer que te viu no seu sonhar?

Não! Não façamos do amor mil tormentos
Cada gota de amor são sentimentos,
São beijos que respiram emoções.

Se beijar é só os lábios encostar.
O amar é muito mais que um beijar.
Amar é o cruzar de dois corações.

CANTO DA MINHA CIDADE

Busco uma cidade
Pra fincar raiz
Cidade que pareça
Minha São Luís.

Busco uma cidade
Que tenha uma rua
Que a dos Afogados
A mim restitua.

Eu quero um lugar
Com lugar qualquer
Que me traga à mente
A Igreja da Sé.

Eu quero um lugar
Digno das notas
Do canto dos pássaros
Da rua das Hortas.

Amarei a cidade
Coberta de cores
Que imitem meu belo
Largo dos Amores.

Amarei a cidade
Que apresente mais
Belas mulheres
Que a rua da Paz.

Com toda certeza
Deixarei minh'alma

Em ponto que valha
A rua da Palma.

Eu, por mais que trema,
Grite, chore ou sangue
Não esquecerei
Minha Rua Grande.

Nenhuma cidade
Quando clareia
Traz a luz que tem
A Ponta da Areia.

Não há mar melhor
Pra matar a mágoa
Que as pálidas fontes
Da linda Olho d'Água.

Busquei, procurei,
Mas não achei não
Fonte mais singela
Que a do Ribeirão.

Procuro, procuro
Mas não hei de achar
Lugar com mais bela
Via Beira-Mar.

Andei por cidades
E paguei pra ver
Conjunto mais lindo
Do que o Reviver.

Tomei consciência,
Tal cidade não há.
Graças a Deus,
Tenho que voltar.

Sei, não resta dúvida,
Só em São Luís
Serei realmente
Um homem feliz.

DA MULHER

Sob as curvas sinuosas
Bate doce coração
Que pode amar todo o mundo
Ou esconder solidão

O DERROTADO

Já nem a luva mais visto
Para a batalha lutar
Hoje da vista desisto
Antes de ela começar.

DA VIDA

Não, eu não trouxe bagagem.
Não moramos nesta vida.
Sou um pobre caminheiro
Que está aqui de passagem.

DA POESIA

Jamais desistir
De tão doce intento
De tornar palavras
As cores do vento.

DAS ARTES

A maior arte consiste
Em traduzir o que pinta
As mãos trêmulas daquele
“Artista” que não desiste.

DA FOME

Eis aí um monstrinho bem infame
Que sempre mata
De forma ingrata
Todo aquele ser que não come.

DA POLÍTICA

E um homem logo acorda
Do triste sonho infernal.
Vê o cenário do sonho:
O Congresso Nacional

DA MORTE

O sol azul anilado
Logo se torna carmim
Dizendo que o sopro eterno
É um fogo já no fim.

APOCALIPSE DO EU

Não sou imortal, mas não morrerei.
O meu espelho não verá meu fim,
Pois a morte só vencerá meu ser
Quando o eu não mais dominar o mim.

DA CRIANÇA

Pés pisam as ilusões
Com firmeza de pluma,
Enquanto mãos beijam ventos
Transformados em espuma.

Coração tão forte bate,
Suspirado do peitinho,
Mas, mais forte o choro vai
Embalar sonho vizinho.

A ONDA

Essa onda do mar
Levou-me para sempre o
Desejo de amar.

O FIM

Todo o meu corpo arde.
Nuvem negra sol encobre.
Chega o fim da tarde.

MEU EPITÁFIO

Nesta cova jaz
Quem muito amou. Mas não foi
Amado jamais.

SOBRE O AUTOR

Poucos minutos atrás, eu estava apagando alguns arquivos antigos do computador, quando encontrei uma entrevista cujas perguntas me foram enviadas por e-mail por alunos de uma das muitas escolas de nossa Capital. Os alunos, educadamente, pediram-me que respondesse às questões, de preferência no mesmo dia, mas não disseram qual a escola em que estudavam. Também apenas se identificaram com o primeiro nome. Ao abrir a caixa de mensagem, às 22:00 horas, deparei-me com as perguntas e, como era caso de "extrema urgência", respondi na mesma hora. Nunca mais entraram em contato para comunicar qual foi o resultado da atividade, mas pelo menos enviaram um outro e-mail agradecendo.



Como disse no início, eu ia apagar a entrevista da memória do computador... Mas resolvi reproduzi-la aqui para quem tiver paciência para lê-la.

1-Você nasceu em qual cidade?

Nasci na cidade de São José de Ribamar, no dia 17 de fevereiro de 1970. Com alguns dias de vida, fui levado para Brasília e, depois, para Goiás, onde praticamente fui criado, na cidade de Luziânia,

bem próxima a Brasília.

2-Quando você se descobriu poeta?

Para ser sincero, eu nunca me descobri Poeta, nem mesmo me considero poeta, mas sim apenas alguém que vez ou outra tenta fazer alguns versinhos. Mas tenho uma excelente relação com a poesia, ela me ajuda a entender o mundo, ou pelo menos tentar.

3-Você tem livros lançados? Quais são?

Tenho oito livros publicados. O nono sairá no dia 10 de outubro na II Feira do Livro de São Luís. Os títulos são (1) “Negra Rosa & Outros Poemas”, que é o primeiro e que tem duas edições esgotadas; (2) “A Mulher de Potifar”, reunião de duas peças teatrais de minha autoria; (3) “Versos de Desamor”, um pequeno livro que trazem poemas sobre desilusões; (4) “Estratégias para Matar um Leitor em Formação”, livro de caráter mais pedagógico que discute o papel da escola na formação de leitores; (5) “Restos de Vidas Perdidas”, um conjunto de contos que mostram a crua realidade das pessoas; (6) “50 Pequenas Traições”, contos bem curtos sobre adultérios em todos os sentidos. Além desses seis individuais, há mais dois em parceria com o escritor e amigo Dino Cavalcante, a saber: (7) Os Epigramas de Artur, um estudo sobre a poesia de Artur Azevedo; e “O Discurso e as Idéias”, coletânea de estudos sobre literatura e linguagem em geral.

Participo também de umas nove antologias fora do estado, escrevi aproximadamente uns 150 (cento e cinquenta) artigos para jornais e revistas O nono se chama “Montello: o Benjamim da Academia”, um estudo sobre os bastidores da eleição de Josué Montello para a Academia Brasileira de Letras, em 1954.

4-Você já participou de festival de poesia. Se sim, obteve êxito ?

Nos moldes desses que temos no Maranhão, o Poemará, nunca participei, por ser tímido e por não concordar com o tipo de proposta que é apresentada. Mas já participei de Concurso e fui premiado no Rio de Janeiro (editora Litteris), no Rio Grande do Sul

(Instituto da Poesia Internacional), Aqui no Maranhão (Prêmio Odylo Costa Filho, de contos) e novamente no Rio de Janeiro (Academia Brasileira de Letras)

5-Você se classifica um poeta contemporâneo(em sua forma de escrever)

Como disse antes, não me considero poeta. Mas quando escrevo poemas não sigo muito as normas da contemporaneidade. Ainda gosto dos versos metrificados, dos sonetos, dos Hai-cais e das estruturas mais tradicionais. Porém, quando escrevo contos, sigo a linha contemporânea, seguindo o estilo de Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Marcelo Rubem Paiva.

6-Qual o poeta maranhense o inspirou?

Gosto de ler todos os poetas, não só os maranhenses. Mas não tenho como negar a importância da obra de Ferreira Gullar em minha formação intelectual. Li tudo o que ele escreveu. Outros nomes a quem sempre recorro são José Chagas (paraibano que adotou o Maranhão), Bandeira Tribuzi, Arlete Nogueira e Nauro Machado.

7- A escola de poetas maranhenses esta com uma (safra) boa?

O Maranhão, atualmente, não tem uma “escola de poetas”, mas a safra de novos escritores é boa. Temos sempre novos nomes surgindo e alguns sobreviverão pelo talento nato e pelas releituras que fazem das obras de diversos escritores. Bons exemplos disso são Rosemary Rego, Antônio Ailton, Ricardo Leão, Bioque Mesito e outros...

8-São Luis ainda é a “Atenas brasileira”?

Não. Isso é coisa de um passado nostálgico e nem teria mais sentido hoje. O mundo é diferente, bastante globalizado, sem espaço para essa denominação.

